

## CINISMO BRANCO – PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

*Cinismo branco (white cynicism) – Initial Considerations*

*Cinismo branco (cinismo blanco) – primeras consideraciones*

Kamilla Broedel<sup>1</sup> 

Alexandre de Carvalho Castro<sup>2</sup> 

**Resumo:** Neste ensaio busco elaborar o que inicialmente trato como “Cinismo Branco”, termo com que nomeio a força central pujante operada pelos corpos brancos, atores a serviço dos racismos. Força esta que garante a operabilidade do pacto da branquitude, conceito de Bento (2022), atuando a favor da invisibilidade branca e da violência racial em todas as formas, fazendo com que o racismo exista, persista e perdure. Logo, o objetivo deste ensaio é convidar as leitoras a esta reflexão: incluir como o corpo branco reconhece e se coloca para operar o racismo dentro das relações, dando destaque ao cinismo na roupagem da hipocrisia, da indulgência e do descaramento, pois é de meu entendimento que as construções até o momento contemplam a elaboração da branquitude em relação ao racismo num processo mental, arquitetado dentro de suas de redes racionais. Para tanto, inicialmente estabeleço comparação entre o cínico, enquanto imagem filosófica, e os instrumentos de manutenção de poder da branquitude, para então discorrer como a máscara segue como mãe das metáforas das relações raciais brasileiras que tem no corpo o marcador de violências. A minha proposta é a observação e consideração do corpo como agente físico dessas elaborações mentais. Viso contribuir com as reflexões do campo de estudos da branquitude desafiando a lógica iluminista/racionalista/acadêmica/racista – na qual o corpo está hierarquicamente abaixo da mente, colaborando com a desconstrução da colonialidade do pensamento.

**Palavras-chave:** Relações étnico-raciais. Branquitude. Cinismo.

**Abstract:** In this essay, I seek to elaborate what I initially define as White Cynicism, a term by which I name the central, forceful power exercised by white bodies—actors in the service of racism. This force ensures the operability of the *Pacto da branquitude*, a concept proposed by Bento (2022), acting in favor of white invisibility and racial violence in all its forms, thereby enabling racism to exist, persist, and endure. Thus, the aim of this essay is to invite readers to reflect on the ways in which the white body recognizes itself and positions itself to enact racism within relationships, highlighting cynicism in the guise of hypocrisy, indulgence, and brazenness. It is my understanding that existing theoretical constructions have thus far addressed the elaboration of whiteness in relation to racism primarily as a mental process, architected within its rational networks. To this end, I initially establish a comparison between the cynic, as a

<sup>1</sup> Mestranda em Relações Étnico-Raciais (CEFET-RJ). E-mail: kamilla.broedel@gmail.com

<sup>2</sup> Professor titular do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 (CNPq). Doutor em Psicologia Social (UERJ). E-mail: alexandre.castro@cefet-rj.br

philosophical figure, and the instruments through which whiteness maintains power, and then discuss how the mask continues to function as metaphors in Brazilian racial relations, in which the body serves as the marker of violence. My proposal is to observe and consider the body as the physical agent of these mental elaborations. I aim to contribute to reflections within the field of whiteness studies by challenging the Enlightenment/rationalist/academic/racist logic in which the body is hierarchically subordinated to the mind, thereby collaborating in the deconstruction of the coloniality of thought.

**Keywords:** Ethnic-racial relations. Whiteness Studies. Cynicism.

**Resumen:** En este ensayo busco desarrollar lo que inicialmente denomino Cinismo Blanco, término con el que nombro la fuerza central y pujante ejercida por los cuerpos blancos, actores al servicio de los racismos. Dicha fuerza garantiza la operatividad del pacto de la blanquitud, concepto formulado por Bento (2022), actuando a favor de la invisibilidad blanca y de la violencia racial en todas sus formas, haciendo que el racismo exista, persista y perdure. Así, el objetivo de este ensayo es invitar a las lectoras y los lectores a una reflexión que incluya cómo el cuerpo blanco se reconoce y se posiciona para operar el racismo dentro de las relaciones, destacando el cinismo bajo las formas de la hipocresía, la indulgencia y el descaro. Entiendo que las elaboraciones teóricas hasta el momento han abordado la construcción de la blanquitud en relación con el racismo principalmente como un proceso mental, arquitectado dentro de sus redes racionales. Para ello, establezco inicialmente una comparación entre el cínico, en tanto figura filosófica, y los instrumentos de mantenimiento del poder de la blanquitud, para posteriormente desarrollar cómo la máscara continúa siendo la matriz de las metáforas de las relaciones raciales brasileñas, en las que el cuerpo actúa como marcador de las violencias. Mi propuesta es observar y considerar el cuerpo como agente físico de estas elaboraciones mentales. Aspiro a contribuir a las reflexiones del campo de estudios sobre la blanquitud, desafiando la lógica ilustrada/racionalista/académica/racista —en la cual el cuerpo se encuentra jerárquicamente subordinado a la mente—, colaborando así en la deconstrucción de la colonialidad del pensamiento.

**Palabras-clave:** Relaciones étnico-raciales. Blanquitud. Cinismo.

## 1 Introdução

Há de se ter um trunfo para esta empreitada. O campo da branquitude, apesar de novo, é explorado com muita competência pelos autores que já discutem e se debruçam sobre o assunto. Meu trunfo, portanto, é justamente meu corpo, que obviamente não é qualquer corpo. É um corpo feminino, branco, que escolheu como campo de pesquisa o das relações étnico- raciais, por

motivos viscerais. Tornei-me mãe de uma mulher negra em 2014, fruto de um relacionamento interracial de 17 anos.

O exame que trazia a faixa azul acusando a gravidez trouxe a mim, uma necessidade de estudos para “dar conta” de algo que nada sabia, pois sou uma mulher branca. Como bem-dito por Fanon “encerrada em minha brancura” (2020, p. 23) que é antes de tudo corporal. É pelo meu corpo, meu fenótipo que me identifico e sou vista por outros, e, no Brasil, é pelo fenótipo que somos identificados e discriminados.

É também deste corpo que vos escrevo, tensionando uma ideia subjetiva, por ele guardada, animada, num impulso de querer, até as pontas dos meus dedos para que a escrita seja digitada, estando meu corpo branco recebendo todos os estímulos necessários para que o que elaboro internamente seja, após registrado, conferido pelos meus olhos e refletidas ou refeitas em minha mente e, novamente nas pontas dos dedos em um movimento cíclico.

Logo por aqui olho problemas e escrevo de dentro – dentro da branquitude, inclusive – pois não há outra forma de escrever.

Destacada a importância do corpo na operação de ações, teimo no quanto o corpo branco está sempre estimulado de acordo com as estruturas sociais vigentes (Almeida, 2019, p. 31) e responsável a esses estímulos dentro de uma lógica narcísica pactual (Bento, 2022, p. 18), lançando mão de seus privilégios (McIntosh, 1989), de sua invisibilidade (Schucman, 2020, p. 62 e 63) e de sua confiança na indulgência e permissividade do uso da violência como agente primordial de abertura de caminhos e possibilidades. Estão também em elaboração outras forças que operam junto com a branquitude na tentativa de desmascarar o cinismo, que contemplam perfis conhecidos e mesmo assim, persistente e perene, (o branco chefe/líder, o branco guia e salvador), que com maior esforço traço junto à urgência da nomeação e responsabilização direta da religião e seu papel dentro do racismo, sendo aqui citados, mas não, até o momento, aprofundados.

Finalmente trago a máscara como dona das metáforas cínicas, e maior dos dispositivos da violência, que através das diversas privações e permissividades - pois para se ter o negro violentado é necessário não somente o branco violentador, mas o espectador; o que permite seja legal e institucionalmente e os complacentes, como discorre Kilomba (2020).

Peço inevitavelmente, minha cota de complacência, portanto, nessa escrita atrevida e atravessada por um olhar minucioso.

## 2 O Cinismo

*O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.*  
(Fernando Pessoa)

O uso do termo “cinismo”, neste ensaio, precisa ser justificado. A terminologia inicialmente remete ao movimento filosófico cínico oriundo na Grécia antiga, representado por figuras como Antístenes (440 a.C. - 365 a.C.) e Diógenes (400 a.C. - 325 a.C.), por exemplo. Neste texto, entretanto, a ideia de cínico alude à perspectiva foucaultiana na qual pode-se conceber um cinismo trans-histórico, que decorre do pensamento antigo a fim de instalar-se no interior da modernidade (Wellausen, 1996).

Assim sendo, pode haver vários usos e sentidos implicados no conceito. Há um uso contemporâneo do termo que traz o sentido oposto ao dos gregos. O cinismo aqui referido é basicamente “uma falsa consciência ilustrada, pautada em uma falsa superioridade que busca autopreservar sua ilusão” (Gaudenzi, 2019, p. 1). O cínico, aqui descrito, dissimula primeiro para si e depois para os outros. Como se trata de um ensaio inicial, essa acepção de “cinismo”, portanto, precisa ficar bem definida em relação à análise que se pretende empreender.

Assim, desprendo-me momentaneamente ou definitivamente das obrigações do alinhamento da escola filosófica no uso do termo em seu entendimento moderno, que ainda por Safatle (2008, p. 29):

Má-fé e hipocrisia são atos de fala cujo sucesso depende de uma operação de mascaramento, já que pressupõem que o Outro não é capaz de desvelar a clivagem entre o valor ao qual o enunciado aspira e o interesse que anima a enunciação. Nesse sentido, tanto má-fé quanto hipocrisia devem aparecer como casos típicos de insinceridade.

### 2.1 O cinismo branco

Embora haja a diferença demarcada, para abordar o cinismo e nomeá-lo como branco, dentro da proposta desta empreitada, brinco justamente com a figura dos cínicos gregos, que perambulavam pelas cidades carregando somente: 1 saco, 1 manto/ sobreveste e 1 vara/ bastão, e a da branquitude crítica que “desaprovam publicamente o racismo” (Cardoso, 2010, p. 611) que propõe desfazer-se (completamente) dos privilégios brancos em nome de uma igualdade, em nome de ser (completamente) antirracista.

Partindo para a branquitude, traço uma metáfora com a sacola/ o saco como a “mochila invisível” (Mcintosh, 1989); a sobreveste/ manto – que garante ao mesmo tempo abrigo e invisibilidade

(Schucman, 2020) e 1 bastão, que aqui, neste primeiro escrito será o porrete. A violência em si. (Fanon, 2020 e Césaire, 2020).

Lembro as leitoras<sup>3</sup> que esses instrumentos são e serão operados pelos corpos brancos, sendo, portanto, aqui considerados aliados à branquitude. O cinismo é, portanto, o modo como esses instrumentos serão operados pelos corpos brancos.

## 2.2 O saco cínico e a mochila invisível

Por mais óbvia que a metáfora pareça, o saco kynycos é a mochila invisível do branco e, na modernidade, o cinismo da branquitude crítica em dizer tentar ou esvaziá-la para o êxito antirracista. Digo cinismo pois é uma fala vazia, sem lastro, pois os privilégios que esta mochila carrega são invisíveis até tensionados, até que sejam necessários estarem visíveis para serem usados; além de estarem sempre à disposição de forma infinita e plástica. Não são itens necessariamente existentes permanentemente, e sim instrumentos que criam forma a partir do momento que precisam ser evocados. Então, como abrir mão do que não se sabe ter? E aqui não digo absolutamente sobre o branco que está alienado do seu papel dentro da estrutura racista. Digo somente do branco crítico, que já estaria ciente do seu papel na trama racista, pois, obviamente, as pessoas brancas não conscientes de seus privilégios o gozam sem intenção de esvaziar a mochila.

Eu como branca crítica, posso dizer que sua mochila é bonita, com a minha reluzente, posso lhe emprestar um item da minha mochila inclusive e podemos usá-lo juntas, mas jamais dá-lo a você, pois, como todo artefato invisível, tomaria forma somente com meu toque branco. Ainda na perspectiva de Safatle e a clivagem, somente eu saberia usá-los e usaria para não me ferir.

## 2.3 O manto: a proteção e a invisibilidade

A proteção que este manto cínico moderno dá aos brancos está muito bem descrita por Cida Bento (2022) no Pacto Narcísico, com a benesse de ser ainda subjetivo, como, a meu ver, é o saco. O

---

<sup>3</sup> Pelo censo demográfico de 2025 a maioria populacional é de mulheres, justificando a referência em palavras femininas para exemplificar população geral. O dado pode ser checado em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>

pacto da branquitude que “se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios (...) possui um componente narcísico de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”.” (Bento, 2022, p.18).

Da mesma forma, esse pacto não é válido para os não brancos. Em nada adiantaria dar a eles o manto. Tampouco o branco o faria, pois o pacto está selado entre sujeitos conscientes e não de seus papéis na estrutura racista.

Há ainda a garantia da invisibilidade por este artefato. O manto garante que nos cubramos e passemos imperceptíveis pela própria caminhada dentro das relações étnico raciais. Por mais que diversos autores questionem a própria invisibilidade do branco:

Edith Piza (2002) e Ruth Frankenberg(1999) argumentam que, se há algo característico da identidade racial branca, esta característica é a invisibilidade, que se concretiza diariamente através da falta de percepção do indivíduo branco como ser racializado. A brancura, nesse caso, é vista pelos próprios sujeitos brancos como algo “natural” e “normal”. Edith Piza classifica essa identidade coletiva como uma construção em contraposição, na qual os não brancos são aqueles que tem a visibilidade da raça. Assim, para a autora, a branquitude só existe em relação. (...) Cardoso (2008) e Wray (2004) mencionam o perigo de pensar a identidade racial branca como invisível, pois apontá-la como tal teria a função de privilegiar o ponto de vista dos brancos, que, sem auto consciência de sujeitos racializados, não teriam como questionar suas vantagens raciais (Schucman, 2020, p. 62-63).

Continuamos sem ser citados, responsabilizados ou, até mesmo, considerados peças-chaves dentro das relações étnico-raciais e sujeitos que possuem a expertise do racismo, pois os operamos, e, nessa perspectiva, conscientemente, pois frente à possibilidade de perda de privilégios, a reação será objetiva, concreta e direcionada. Será vetorial, para não o perder, tornando o inconsciente consciente.

Alio ao manto, a este desvio do branco, o silêncio e o segredo, pois, muito embora o silêncio, “fiel guardião dos privilégios” (Bento, 2014, p. 39) pudesse estar em meus pensamentos como sinônimo do cinismo, preciso diferenciá-lo quando ele é, de fato, principal aliado. O silêncio principal seria o que se faz justamente desconsiderando o branco das relações étnico-raciais, os demais são apontados em todos os estudos e artigos que tive o prazer de ler e me embasar, pois o branco não é nomeado porque não precisa. A ele já é atribuída humanidade universal (Bento, 2014, p. 41) e pertencimento necessários e num trocadilho barato, digo que o branco passa sempre em branco nas análises.

O silêncio é necessário ao cinismo. Ele garante como o pacto, que as relações se estabeleçam com objetivos de manutenção, sem que seja percebido; mas não qualquer silêncio. Há a entrega corporal. Há o sorriso de lado, o cruzar os braços, o olhar “de cima” ou “de cima à baixo”; o afastar-se e o irromper o silêncio com “não, não foi isso que eu quis dizer!”

A essa manutenção com um ar de “*je ne se quoi*”, na qual o branco nunca sabe do que se está tratando, nunca quis dizer isso, sempre é mal interpretado, alienado e desatento, dou o nome de cinismo. Ao preenchimento dos silêncios e da invisibilidade branca em todas as lacunas, dou o nome de cinismo. Pois também esse silêncio, esse vazio, essa invisibilidade são operados e mantidos; e para seguirmos os estudos é preciso nomear.

Evoco ainda, por princípio inegociável a necessidade da nomeação do branco sempre, ou seja, sempre que se falar do corpo branco dizer a palavra, para que fique ligado a ele toda a responsabilidade do processo de degeneração realizado frente aos negros, para que não seja esquecido, para que se tenha a o reconhecimento que, neste caso, não se busca, pois há o cinismo também aqui. Mas que seja sempre dado.

Ombreado ao silêncio está o segredo. “Os segredos entre branco e branco” tão bem colocado por Lourenço Cardoso (2017, p. 37) seguido da convivência tolerável suportável e hipócrita com o Outro (*Idem*). Dando ênfase ao sinônimo do cinismo – a hipocrisia – na relação de igualdade, pois não se tem, se finge. A isto – e ao que mais seria? – dou o nome de cinismo.

Trazendo para o corpo, fazem parte desse “segredo”, os sinais corporais<sup>4</sup> entre brancos que sinalizam a presença de um negro a ser tolerada, a ser tratado como igual.

## **2.4 O cajado: suporte, abertura de caminhos e violência**

O cajado, aqui transformado em porrete, operará no cinismo moderno frente à branquitude retratando a violência, sempre usada, evocada e priorizada, pois tudo que o branco construiu, inclusive o próprio conceito de branco, foi com sangue, suor e lágrimas. Não próprios, alheios. Sangue pelas mortes recorrentes, suor pela exploração e trabalho forçado e lágrimas pelos traumas, sempre acompanhadas de justificativas (religiosas, econômicas, conjunturais) e lamentos, que considero falsos, por isso o nome que inscrevo.

Mas não somente ou necessariamente a violência física que causará ferimentos, não necessariamente a bélica que tirará a vida, mas a violência cínica. O “mas eu não quis dizer isso” ou ainda o “veja bem”. O cinismo que por exemplo opera racismo reduzido à injúria racial, ou que degenera lábios grossos em corpos pretos, mas realiza preenchimento labial.

Alio ao cinismo a indulgência dos racismos. Impossível levantar a violência cínica sem falar da indulgência, sem o “deixa disso”, ou “não foi bem assim”. Novamente a branquitude como grande beneficiária desse imenso “pano branco” passado.

Ainda é necessário pontuar como a permissividade é o lastro do cinismo. Ao negro será permitido caminhar em suas vontades e direitos até onde a branquitude permitir e somente isso. Mantidas pela violência cínica, os avanços cumprirão o preenchimento burocrático dentro da própria proposta colocada. Finco aqui esta reflexão que será oportunamente debulhada através de análise posterior dos atravessamentos cínicos da formação da identidade do negro.

Muito me chamou atenção a presença dela nas entrelinhas dos textos que tive o prazer de ler para montar minha linha de raciocínio, e seria impossível citar todos, por isso ficaremos na colonização.

Seria preciso, antes, estudar como a colonização funciona para descivilizar o colonizador, para brutalizá-lo no sentido apropriado da palavra, degradá-lo, despertá-lo para instintos soterrados, cobiça, violência, ódio racial, relativismo moral, e mostrar que toda vez que no Vietnã há uma cabeça decepada e um olho perfurado, e na França se aceita isso, uma menina é estuprada, e na França se aceita isso, um malgaxe torturado, e na França se aceita isso, há um acréscimo de peso morto na civilização, ocorre uma regressão universal, uma gangrena se instala, um foco de infecção se espalha, e que no final de todos esses tratados violados, todas essas mentiras propagadas, todas essas expedições punitivas toleradas, todos aqueles prisioneiros amarrados e "interrogados", todos esses patriotas torturados, no final desse orgulho racial estimulado, dessa jactância propagada, existe o veneno incutido nas veias da Europa, e o processo lento, mas seguro, do asselvajamento do continente (Césaire, 2020, p. 17).

E ainda:

A violência que presidiu ao arranjo do mundo colonial, que ritmou incansavelmente a destruição das formas sociais nativas, que demoliu sem restrições os sistemas de referências da economia, os modos de aparência, de vestuário, será reivindicada e assumida pelo colonizado no momento em que, decidindo ser a história em atos, a massa colonizada se entranhar nas cidades proibidas (Fanon, 2022, p. 37).

A violência, toda ela, objetiva e subjetiva, física e psicológica, praticada por brancos aos sujeitos negros desde o processo colonizador até os dias de hoje pelo racismo, amparados (aqui novamente o cajado) pelo racismo científico, de onde escolho, portanto, iniciar o trecho seguinte.

Existe uma zona do não ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma encosta perfeitamente nua, de onde pode brotar uma aparição autêntica. Na maior parte dos casos, o negro não goza da regalia de empreender essa descida ao verdadeiro inferno (Fanon, 2020, p. 22).

### 3 A máscara: dispositivo máximo de opressão (e dona das metáforas)

Início este trecho final com a máscara. Esta, de Flandres, que é um dispositivo pensado, desenhado, discutido, construído, reconstruído e aperfeiçoado para impedir sujeitos negros de nutrirem-se com produtos de seu trabalho; de falarem e de desistirem de sua própria vida, delimitando muito bem a quem esta vida realmente pertencia.

Há uma máscara da qual eu ouvi falar muitas vezes durante minha infância. A máscara que Anastácia era obrigada a usar. Os vários relatos e descrições minuciosas pareciam me advertir que aqueles não eram meramente fatos do passado, mas memórias vivas enterradas em nossa psique, prontas para serem contadas. Hoje quero recontá-las. Quero falar sobre a máscara do silenciamento. Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanas/os escravizadas/os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e tortura. [...] Há outros desenhos de máscaras cobrindo o rosto inteiro de escravizadas/os, somente com dois furos para os olhos; estas eram usadas para prevenir o ato de comer terra, uma prática de escravizadas/os africanas/os para cometer suicídio [em nota de rodapé] (Kilomba, 2020, p. 33-36).

A máscara de Flandres é para mim, e de fato o é, uma tecnologia branca, como todos os dispositivos de tortura que igualmente tiveram o mesmo empenho. Aqui daremos protagonismo a ela por tratar-se este trabalho inicialmente, sobre o cinismo. E que melhor metáfora seria, senão através de uma máscara?

Esta, construída sobre a desumanização, bestialização, animalização do negro, já confirmada pela ciência branca, como apontado por Fanon: “Por vezes esse maniqueísmo prossegue em sua lógica até o fim e desumaniza o colonizado. Para ser exato, ele o animaliza” (2022, p. 39).

Esta que assegura o silêncio, logo, a invisibilidade ou a unilateralidade.

O silêncio, ou melhor, a prudência com que as teorias unitárias cercam a genealogia dos saberes seria talvez uma razão para continuar. Poderíamos multiplicar os fragmentos genealógicos. Mas seria otimista, tratando-se de uma batalha – batalha dos saberes contra os efeitos de poder do discurso científico – tomar o silêncio do adversário como a prova de que lhe metemos medo. O silêncio do adversário – este é um princípio metodológico, um princípio tático que se deve sempre ter em mente – talvez seja também o sinal de que nós de modo algum lhe metemos medo. Em todo caso, deveríamos agir como se não lhe metêssemos medo (Foucault, 1984, p. 98).

Nessa perspectiva, buscarei aqui, esmiuçar o quanto as teorias do racismo científico - pensadas, escritas, difundidas por homens brancos – estão até os dias atuais atuantes, presentes, fortes e ativas em nossa sociedade e influenciam todas as relações estabelecidas pela metáfora da máscara e fenótipos.

E embora a explicação genética do comportamento social e cultural seja frequentemente denunciada como racista, as definições genéticas, biológicas e fisiológicas de raça passam bem, obrigado, nos discursos de senso comum de todos nós. O fato é que a definição biológica, fisiológica e genética de raça, convidada a se retirar pela porta da frente, tende a dar a volta e retornar pela janela (Hall, 2013, p. 1).

Procuro ainda aproximar-me do grande problema que é o corpo e a interferência dele no mundo. Objetiva e subjetivamente.

### 3.1 Olhos

Olhos que veem.

Depois eu fui sentindo que aquilo (olhar no espelho) era uma coisa ruim. Um dia eu me percebi com medo de mim no espelho e um dia tive uma crise de pavor e foi terrível. Fiquei um tempo grande assim: não podia me olhar no espelho com medo de reviver aquela sensação (Souza, 1983, p. 47).

E espelham

A negritude serve como forma primária de outridade, pela qual a branquitude é construída. A/O “Outra/o” não é “outra/o” per se; ela/ele torna-se através de um processo de absoluta negação. Nesse sentido, Frantz Fanon (1967, p. 110) escreve: O que é frequentemente chamado de alma negra é uma construção do homem branco (Kilomba, 2020, p. 38).

Olhos que não se veem, mas veem o mundo branco e constroem a imagem de si por ele – pois assim são construídas identidades “Nenhuma identidade é construída no isolamento, ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros (...) dependem de maneira vital das relações dialógicas estabelecidas” (Gomes, 2005, p. 42); mas no caso do negro, esse processo vem com a mutilação, anulação, negação de si e afirmação e aceitação do branco. “Minha avó dizia que crioulo, sobretudo o negro, não prestava. “Se você vir confusão, saiba que é o negro que está fazendo. Se vir um negro correr, é ladrão. Tem que casar com um branco para limpar o útero” (Souza, 1983, p. 47),

Olhos que tremulam aguados num movimento conjunto intrínseco com a garganta e mandíbula, que cerram e travam, com sentimentos de dor, ou raiva, ou tristeza; onde a garganta engole seco.

Que alienação, ser-se forçada/o a identificar-se com os heróis, que aparecem como brancos, e rejeitar os inimigos que aparecem como negros. Que decepção, ser-se forçada/o a olhar para nós mesmas/os como se estivéssemos no lugar delas/es. Que dor, estar presa/o nessa ordem colonial (Kilomba, 2020, p. 39).

### 3.2 Nariz

Passa então para o nariz, órgão sensitivo de odores.

Tendo isso em vista, pretendemos discutir a interface psicanalítica e sociopolítica da construção racista-higienista que associa a negritude à sujeira, à imundície, ao fedor e ao lixo, tendo a seguinte pergunta como ponto de partida: como as concepções racistas-higienistas moldam as subjetividades e corporalidades negras e brancas no Brasil? Assumimos como argumento central que a produção do mito-corpo negro sujo e do ideal do ego branco limpo -ao demarcarem que pessoas negras são sujas, fedidas e imundas -, constituem um mecanismo político do racismo cultural e ambiental para: i) subalternizar e negar a identidade negra; ii) ocultar a sujeira da brancura racista; iii) reforçar a identidade branca e a dominação exercida pela branquitude; iv) estruturar o discurso e o inconsciente coletivo higienista brasileiro; e v) legitimar processos de higienização-aniquilamento de todo significante negro (Jesus, 2023, p. 5).

E ainda:

Eu me arrasto pelos cantos, encontrando com minhas longas antenas os axiomas dispersos pela superfície das coisas – a roupa do negro cheira a negro – os dentes do negro são brancos – os pés do negro são grandes – o peito largo do negro - ; eu me arrasto pelos cantos, fico em silêncio aspiro ao anonimato, ao esquecimento (Fanon, 2020, p. 131).

Fenotipicamente marcado, a ser afinado, como nos traz Luísa em registro de Neusa Santos Souza “Não tinha nenhuma menina como eu. Todas as meninas tinham o cabelo liso, nariz fino. Minha mãe mandava colocar pregador de roupa no nariz para ficar menos chato.” (Souza, 2021, p. 47). Insisto na mutilação, na violência física, e aqui voluntária inclusive, imposta pelo massacre estético, que também considero aparelhos tecnológicos.

### 3.3 Boca

E finalmente a boca.

No âmbito do racismo, a boca se torna o órgão da opressão por excelência, representando o que as/os brancas/os querem – e precisam – controlar e, conseqüentemente, o órgão que, historicamente, tem sido severamente censurado. (Kilomba, 2020, p. 33-34).

Boca que come ou se esfomeia.

Feira da rua Carlos de Campos, catar qualquer coisa. Ganhei bastante verdura. Mas ficou sem efeito, porque não tenho gordura. Os meninos estão nervosos por não ter o que comer (Jesus, 2020, p. 25).

Boca que não fala. Boca silenciada.

Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infantis é aquele que não tem fala própria, é a criança que fala na terceira pessoa porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (Gonzalez, 1984, p. 255).

E quando fala, estão lá também presentes as tecnologias do racismo – o petit-nègre:

Sim, do negro se exige que seja um bom negro; posto isso, o resto vem por si só. Fazê-lo falar petit-nègre é acorrentá-lo à sua imagem, enredá-lo, aprisioná-lo, vítima eterna de uma essência, de uma aparência pela qual ele não é responsável (Fanon, 2020, p. 48).

E a dupla branquitude redentora e negro ingrato:

Quando um negro fala de Marx, a primeira reação é a seguinte: “nós os educamos e agora vocês se voltam contra seus benfeitores. Ingratos! Decididamente não se pode esperar nada de vocês” (Fanon, 2020, p. 49).

Depois de pronta a máscara, resalto as tecnologias físicas (que agem diretamente nos corpos negros e, como aqui defendido, intrinsecamente interferentes nas mentes e demais sistemas corporais)  
Branca nela contida.

A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado (Assis, 1906, p. 1).

A tecnologia da tortura. A tecnologia pensada, moldada, desenvolvida, forjada, melhorada para seus fins, que são de tortura e desumanização.

Feita com uma espécie de chapa de aço, a máscara de flandres poderia variar cobrindo o rosto todo ou somente boca. Parte desse ferro ficava entre a língua e a mandíbula, tendo um cadeado que era trancado por detrás da cabeça. A máscara servia para evitar que os escravos

comessem das plantações, engolissem pepitas de ouro nas minerações e também para evitar que eles ingerissem terra para tirar sua própria vida (Gonçalves, 2020, p. 350).

Exibida: “Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas” (Assis, 1906, p. 1).

A escolha desse item para alinhamento não só literário como metafórico desse texto foi feita para demonstrar a crueldade e o desenvolvimento e aprimoramento da tecnologia racista – e assassina - que silencia até os dias atuais, conforme observado por Grada Kilomba no registro das palavras de Audre Lorde:

E quando nós falamos  
Temos medo que nossas palavras nunca serão ouvidas  
Nem bem-vindas  
Mas quando estamos em silêncio  
Nós ainda temos medo  
Então é melhor falar  
Tendo em mente que  
Não éramos supostas sobreviver (Kilomba, 2020, p. 57).

#### 4 Considerações Finais

Com este ensaio inicial e as reflexões que aqui expeçto, com o cuidado acadêmico de colocar a mão na frente, busco acrescentar à toda a manobra que a branquitude opera, já observada por demais teorias aqui citadas, o corpo e sua importância, não só como lugar físico a ser ocupado – da qual reitero, que a branquitude provavelmente não abrirá mão - como também as esparrelas, observadas no subjugo diário dos racismos, que destaco com o cinismo, ampliando o olhar para a desfaçatez, má fé e hipocrisia nas relações étnico raciais, com o intuito de colaborar com o campo de estudos da branquitude.

#### 5 Referências

ASSIS, Machado de. Pai contra Mãe. In: ASSIS, Machado de. *Relíquias de Casa Velha*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1906. Domínio público. Disponível em: [https://dominiopublico.mec.gov.br/pesquisa/DetalleObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1951](https://dominiopublico.mec.gov.br/pesquisa/DetalleObraForm.do?select_action=&co_obra=1951). Acesso em 03 set. 2025.

- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- CARDOSO, Lourenço. Branquitude Acrítica e Crítica: A supremacia racial e o branco antirracista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 2010, vol.8, n.1, pp.607-630. ISSN 1692-715X.
- CARDOSO, Lourenço da Conceição. O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre o pesquisador branco que possui o negro como objeto de estudo tradicional. A branquitude acadêmica: Volume 2. Ed. Curitiba: Appris, 2020.
- CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis RJ: Ed. Vozes, 2014.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo. Veneta, 2020.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo. Ubu Editora, 2020.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro. Zahar, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. - Rio de Janeiro: Edições Graal, ed. 1984. Disponível em: [Microfísica do Poder](#) acessado em 08 set. 2025.
- HALL, Stuart. **Raça, o significante flutuante**. Revista Z Cultural (PACC-UFRJ) Ano VIII, n.2, 2013. Disponível em: <https://doceru.com/doc/nv8xvc8> . acessado em 08 set. 2025.
- JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Edição comemorativa. São Paulo. Editora Ática, 2020.
- JESUS, V. de; PENHA, S. R. da. *O discurso do lixo*: uma análise psicanalítica e sociopolítica dos mecanismos simbólicos do racismo brasileiro. In: **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 16, n. Edição Especial, 2023. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1574>. Acesso em: 8 set. 2025.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro. Cobogó, 2020.
- MCINTOSH, Peggy. **Privilégio branco: desfazendo a mochila invisível**. (1989). Disponível em: <https://circuito.ubueditora.com.br/privilegio-branco/?srsltid=AfmBOorBcoiznIDL8F2UjySi9hXa3-gdYJ8uEZLgMUscn6JiaKB33BZda> Acessado em: 15 ago. 2025.
- MULLER, Tânia Mara Pedroso & CARDOSO, Lourenço. **Branquitude: Estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Ed. Curitiba: Apris, 2017.
- GAUDENZI, Paula. **Entre cinismos, posturas críticas, subjetividades precárias e sofrimento psíquico**: aportes de um livro kínico. *Cadernos de Saúde Pública*. 2019. Vol. 35(1).

ROSA, Alex; VECHI, Fernando. **O cinismo segundo Foucault, Sloterdijk e Safatle**. Revista de Ciências do Estado. Belo Horizonte: v. 5, n. 2, e20979.

SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e falência da crítica** - São Paulo: Boitempo, 2008.

SCHUCMAN, LiaVainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Paulo. Veneta, 2020.

WELLAUSEN, Saly. **Michel Foucault: parrhésia e cinismo**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 8(1): 113-125, maio de 1996.